



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
POLO UAB PORTO VELHO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



NEFTALI FRANÇA QUARESMA

SUPERANDO OS OBSTÁCULOS

Polo/RO
2017

NEFTALI FRANÇA QUARESMA

SUPERANDO OS OBSTÁCULOS

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia [UNIR], em parceria com a Universidade Aberta do Brasil [UAB] e com o Polo de Porto Velho, como Pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação do Prof. (a) Walterlina Brasil.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
POLO UAB PORTO VELHO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC n° 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



SUPERANDO OS OBSTÁCULOS

NEFTALI FRANÇA QUARESMA

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

Profa. Dra. Márcia Machado de Lima
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

Presidente: Profa. Dra. Walterlina Brasil

Membro: Profa. Marijâne Silveira da Silva

Membro: Profa. Edna Cordeiro

**Porto Velho/RO
2017**

Dedico este memorial a todos que batalharam e não mediram esforços para concluir o curso de pedagogia e por amarem essa bela profissão que é formadora de todas as outras.

AGRADECIMENTOS

“Ao meu Deus, que sempre esteve comigo e me fez superar todos os obstáculos.

"A meus pais, Francisco das Chagas e Lucimar França que não mediram esforços para me incentivar nos estudos,

À minha filha e companheira de muitas lutas e vitórias, Beatriz Caroline

À querida amiga Lourdes Nascimento e Marileide Faria por todo o apoio oferecido nesses anos,

Ao meu querido amigo Professor Jair Luckesi, por todo incentivo que me deu.

Às colegas do curso de Pedagogia Susana Parente e Claudia Bueno pelos companheirismo e solidariedade ao longo dos anos.

O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis (José de Alencar)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
O INÍCIO DA MINHA HISTÓRIA.....	8
VÍTIMA DO O BULLYNG.....	10
O PAPEL INDISPENSÁVEL DA FAMÍLIA NA ESCOLA.....	12
AMOROSIDADE NA EDUCAÇÃO.....	15
UMA NOVA VISÃO DIANTE DA VIDA.....	18
CONCLUSÃO.....	22
REFERÊNCIAS.....	23

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho relata fatos ocorridos em minha vida, que vão desde primeiros passos com a educação, até minha formação acadêmica. Nele estão contidos narrativas, acontecimentos, situações e experiências que marcaram minha trajetória como pessoa e educadora, e contribuíram para o enriquecimento da minha vida profissional, acadêmica e pessoal, bem como todos os obstáculos e barreiras que tive que enfrentar ao longo desses anos, para chegar aonde cheguei e que só me fizeram crescer e repensar minha prática educativa e me tornar uma profissional reflexiva, capaz de reconhecer que práticas tradicionais e ideias prontas e cristalizadas, devem ser abandonadas.

Esse memorial apresenta uma análise das atividades acadêmicas que venho desenvolvendo ao longo do período de formação e na atuação profissional, e contém os momentos mais marcantes que vivenciei as críticas recebidas, os questionamentos, descobertas, experiências medos e inseguranças que tive que superar para me tornar uma educadora melhor, capaz de adaptar minhas ações em situações que propiciassem a aprendizagem, ou seja, tive que me submeter ao novo, arriscar, mudar, adquirir conhecimentos, que contribuíram muito para o meu crescimento, tive que esquecer o tradicional, o modelo já pronto, foi necessário quebrar paradigmas.

Desejo compartilhar aqui as fases que mais marcaram minha vida, de como minha visão de educadora mudou depois da minha formação acadêmica, de como venci meus traumas, problemas e complexos que carreguei desde a infância, que me fizeram passar por situações desagradáveis ao longo de toda minha vida escolar, mas que felizmente foram superados e serviram como experiências para me tornar uma educadora segura e feliz, e que enxerga na sua história de vida, um exemplo de perseverança, para as pessoas que passam pela mesma situação que passei e cheguei até aqui.

O trabalho está organizado da seguinte forma: Apresentação, Início da minha história, vítima de bullying, o papel indispensável da família na escola, amor na educação, e uma nova visão diante da vida.

Enfim, através deste relato, o leitor irá se deparar com memórias relativas à minha vida escolar, até a minha formação como educadora, bem como toda trajetória que vivi, e caminhos para o aperfeiçoamento pessoal e profissional, vividos pela narradora-personagem.

1. MINHA HISTÓRIA

Nasci em Manaus e vim morar em Porto Velho muito pequeno, no ano de 1976, tive uma infância bem simples e tranquila, sem muitos brinquedos caros ou luxuosos, mas com muitas brincadeiras, inclusive, brincávamos todos juntos, e sempre na rua, era uma época, onde quase não tinha violência, então as crianças se divertiam com brincadeiras de roda e cantigas, tudo muito espontâneo e livre e fabricávamos nossos próprios brinquedos, como piões, amarelinha, bolas, jogos com latas, boliches perna de pau, entre outros.

Lembro que meu pai, na época, era muito rígido conosco, e não admitia rebeldias nem questionamentos, não podíamos brincar perto dele, pois sempre reclamava e nós, não tínhamos quase nenhum diálogo em casa, dessa forma a brincadeira ficava sempre pra depois, na hora das refeições era proibido até falar e se alguém desobedecesse era castigo na certa, já minha mãe era mais compreensiva conosco, e fazia questão de nos levar para brincar, apesar de não fazer ideia de como a brincadeira era importante para nossa aprendizagem e crescimento, minha mãe sempre dizia que criança, devia ser tratada como criança e brincar livremente, sonhar, fazer de conta, fantasiar etc.,

Minha mãe não tinha nenhuma referencia em que se baseava esse fundamento, pois nem sequer tinha terminado os estudos, mas sempre esteve certa estes anos todos, e graças a ela a brincadeira era levada a sério quando se tratava de crianças. Minha mãe nos ajudou bastante a sermos as pessoas que somos hoje, já que através do brincar, a criança se descobre, se desenvolve, descobre o mundo, adquire experiências etc.

Por volta dos cinco anos, cheguei na escola, lembro que não gostava nem de falar a palavra escola e fazia de tudo pra faltar à aula, ia obrigada, chorava muito e era uma criança muito tímida, não tinha amigos e todos que tentavam se aproximar de mim, desistiam pelo fato de eu me isolar e me fechar pra todos.

Por conta desse problema, não ia bem em nenhuma disciplina e meu rendimento era mínimo, as outras crianças me colocavam apelidos e eu me sentia pior ainda, chegava em casa chorando, mas minha família não entendia porquê, estudava numa escola da prefeitura, onde a professora não procurava entender o porque eu agia daquela forma, tampouco, se preocupava com meu rendimento escolar e como poderia fazer

para que eu mudar, honestamente, eu só ficava feliz quando acabava a aula, porque sabia que podia brincar em casa, eu só queria brincar ,mais nada, quando brincava, mudava completamente eu me soltava, mudava meu jeito, falava mais, sorria mais, ficava feliz de verdade

Isso persistiu por alguns anos ainda, até que minha mãe resolveu me mudar de escola , então fui estudar numa escola particular, muito conceituada, essa escola era referência de ensino e de poder aquisitivo, era dirigido por freiras e o ensino, como já falei , era muito bom e caro também, minha mãe na época conseguiu uma bolsa de estudo de 50% de desconto na mensalidade pra eu estudar lá, pensando que dessa forma, poderia resolver meu problema, quem sabe, com um ambiente diferente, tudo não mudaria, e realmente mudou, pois queria recompensar o esforço que minha mãe tinha feito por mim, então resolvi me esforçar mais nos estudos, mas continuava com muita dificuldade em todas as matérias, certamente pelo fato de não ter tido uma boa base na educação infantil, e não ter o apoio necessário e o incentivo que precisava da minha família, me tornei uma pessoa cheia de medos e traumas que quase não falava na sala de aula, não gostava de me relacionar com ninguém, que chorava por tudo, que não acreditava em si mesma, e a escola era o pior lugar do mundo para mim, pois ninguém me entendia.

Tinha muita dificuldade de aprendizagem e não conseguia me concentrar nas aulas, e minhas notas não eram as melhores, tinha pavor de falar em público, quando a professora chamava para ler eu me desesperava, ficava nervosa e torcia para a aula acabar logo, era considerada a mais comportada da turma, já que não abria a boca para nada, não questionava nada, nem perguntava coisa alguma, ia para casa cheia de dúvidas, ou seja, era uma aluna passiva que só ia à escola porque era obrigada.

Muito cedo na escola, já me deparei com o bulling na escola, foi uma experiência muito difícil, pois minha família não tinha condições de me ajudar, já que em casa não existia diálogo ou apoio para isso.

É num ambiente familiar sólido que a criança deve criar relacionamentos significativos e duradouros sendo capaz de desenvolver atitudes e valores humanos, sabendo respeitar e aceitar as diferenças de cada indivíduo, assim a criança aprenderá a lidar com seus próprios sentimentos e emoções, suprimindo suas necessidades de amor e valorização, valores que ajudarão no desenvolvimento de habilidades de autodefesa e autoafirmação.

2. CONVIVENDO COM O BULLYNG

Na escola sofri muito com alguns apelidos que me colocaram ao longo de minha vida escolar, por ter um nome muito incomum, para a época, por ser muito tímida e calada, por ser muito magra, era só chegar à escola que começavam os insultos e humilhações, o que só piorava ainda mais a minha situação na escola, ao ponto de querer ficar doente pra não ter que ir a escola, nunca reclamei em casa ou na escola ninguém sabia o que eu passava, preferia somente me isolar de todos e aceitar que era diferente das demais pessoas, era do tipo que sofria calada, o que é pior, culpava a meus pais pelo nome que tinham me dado, questionando que meu nome era feio e quando crescesse, a primeira coisa que iria fazer era mudar de nome, me sentia a pior pessoa do mundo, me achava anormal e diferente das outras pessoas, porque não sabia como superar aquele problema, e nem tinha apoio de ninguém.

Na época, o termo bullying nem existia, era considerado só uma brincadeira de mau gosto, mas na verdade ele sempre existiu, principalmente nas escolas, desde aquela época as pessoas já não aceitavam as diferenças uma das outras pessoas, bastava ser diferente em alguma coisa e não se encaixar nos padrões, pra ser excluído e humilhado na escola, fazendo com que a vítima ficasse completamente isolada, angustiada e deprimida. Lembro que como eu, tinha uma menina que tinha um problema de pele e por conta disso seu suor era muito forte, ela também foi vítima de bullying, todos a hostilizavam na escola por ela ter esse problema. Recordo que ela ficou muito deprimida e isolada, não saía da sala nem pra ir ao intervalo, logo teve que mudar de escola, pois era humilhada constantemente no corredores da escola por todos, e ninguém fazia absolutamente nada.

Segundo Fante, 2005, p28-29

Bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais.

Sabe-se que as consequências referentes ao bullying são inúmeras e variadas, afetando todos os envolvidos e em todos os níveis de idade. Quando a humilhação é constante contra a vítima, ela perde a identidade, porque a mesma e os demais a reconhecerão somente através daquela característica negativa que está sendo focada.

É exatamente isso, as pessoas ao redor passam a conhecê-la pelo apelido maldoso e pejorativo que lhe foi colocado, e estão sujeitos a sofrer prejuízos na formação “psicológica, emocional e socioeducacional”.

Chalita,(2008,p.86,) comenta que:

As práticas do bullying, podem ser consideradas como sendo uma forma sutil de violência, que, geralmente envolve colegas da mesma sala de aula, gera comportamentos agressivos que podem ser classificados como bullying direto ou indireto.

O bullying tem características diversas, pois se trata de uma violência repetitiva e intencional, que às vezes aparece escondida em pequenos atos, comprometendo o desenvolvimento do aluno, .então a dificuldade em reconhecer o bullying pode ocorrer, também, porque as vítimas normalmente sofrem caladas, com medo de se expor à situação de repreensão. E acabam ficando presas a tal violência, desenvolvendo diversos problemas em seu próprio desenvolvimento.

A discriminação e preconceito, vivenciadas pelos alunos no cotidiano escolar, é sem dúvida, um grande desafio para os professores. Essas práticas, muitas vezes, podem causar dificuldades na aprendizagem e causar traumas ao longo da vida. A credito, que a prevenção começa pelo conhecimento, e é preciso que as escolas reconheçam a existência do bullying e, sobretudo, esteja consciente de seus prejuízos para a personalidade e o desenvolvimento dos alunos

Segundo Pedra (2008, p.123),

O afeto entre os membros de uma família é o começo de toda educação estruturada, por isso, se torna importante encontrar um tempo para a convivência saudável, especialmente com os filhos, mantendo um diálogo constante. Procurar conhecer o mundo deles, é essencial que os filhos encontrem em casa um ambiente de amor e aceitação, favorável tanto sobre seus triunfos e suas conquistas como sobre seus fracassos e suas dificuldades.

Confesso que passei, um bom tempo da minha vida, isolada, com a autoestima baixa, acreditando ser uma pessoa anormal, que não conseguiria ir muito longe , ficava mais triste ainda por não ter um família que me apoiasse e dialogasse comigo, pois acredito que a família tem um papel fundamental na vida de qualquer ser humano ,uma vez que os pais são a base referencial do saber do indivíduo.

3. O PAPEL INDISPENSÁVEL DA FAMÍLIA NA ESCOLA

O conceito de família mudou muito nos últimos anos, não há mais um padrão definido e sim uma variedade de padrões familiares, com identidade própria em constante desenvolvimento, mas apesar da mudança a família continua sendo o primeiro local de aprendizado das crianças, é através dela que acontece os primeiros contatos sociais e as primeiras experiências educacionais, os sentimentos que os pais transmitem à criança, durante os anos que antecedem à escola é de extrema importância para o desenvolvimento da aprendizagem escolar da criança.

A família tem o poder de influenciar nas atitudes comportamentais da criança e de fazê-las enxergar o mundo, e as coisas ao seu redor. Quando a família incentiva seus filhos nas suas atividades, eles compreendem e os encorajam para progredir, tendem a formar, crianças mais fortes e confiantes para superar suas dificuldades.

E o que relata Coria-Sabini (1998, p.65)

Os pais têm um papel importante no processo de desenvolvimento da autonomia de seus filhos. Se eles encorajarem as iniciativas da criança, elogiarem o sucesso derem tarefas que não excedam as capacidades da criança for coerente em suas exigências e aceitarem os fracassos, estarão contribuindo para o aparecimento do sentimento de autoconfiança e autoestima.

A influência que a vida familiar exerce sobre as crianças não se restringe apenas a lhe oferecer modelos de comportamento, mas também no desenvolvimento moral da criança. O estilo familiar, os padrões de punição, os valores, a forma como estão estruturadas e o modo como às crianças são tratadas, são elementos que tem impactos importantes no desenvolvimento das habilidades sociais.

Na minha vida escolar, passei por problemas de baixo desempenho, déficit de aprendizagem e até mesmo reprovação, pela falta de envolvimento da minha família com a escola, acredito que a família deve ser incentivada pela escola, permitindo ao aluno a integração ao ambiente escolar, possibilitando um melhor aproveitamento nos estudos acadêmicos, já que família e escola buscam atingir objetivos complementares.

Deve haver interação entre as duas instituições, pois toda a criança tem sua história de vida, a qual deve ser conhecida pelos educadores que atuam diretamente com ela, podendo assim compreender melhor o aluno e traçar estratégias eficazes para superar possíveis problemas.

Muitos pais vêm à escola como local de depósito de crianças, vão matriculando seus filhos e só aparecem na escola quando seus filhos estão com problemas, baixo desempenho ou quando a coordenação manda chamá-los .

Sem a família não há como promover uma boa educação, pois a participação dos pais na vida escolar de seus filhos é condição indispensável para que a criança se sinta amada, motivada e segura para obter avanços em sua aprendizagem.

A família e a escola precisam ser parceiras para que os alunos possam realmente ter um maior aproveitamento na aprendizagem. Não basta apenas à escola se preocupar na aprendizagem, e os pais não se preocuparem.

Segundo as autoras Rocha & Machado (2002, p.18).

“O envolvimento familiar traz também benefícios aos professores que, na regra geral, sentem que o seu trabalho é apreciado pelos pais e se esforçam para que o grau de satisfação dos pais seja grande.

Pode-se perceber diante desse contexto que a família é parte fundamental no processo ensino aprendizagem podendo interferir de maneira direta nas relações das crianças com o ambiente escolar e sua realidade. Nesse sentido, faz-se necessário o professor conhecer a realidade familiar a qual o aluno está inserido, conhecer quais são os anseios, angústias e necessidades vivenciadas pelos alunos, pois assim poderá compreender o porquê das dificuldades demonstradas no processo ensino aprendizagem.

Foi exatamente o que faltou para mim naquela época, que minha professora, conhecesse a realidade da minha família, meus anseios e dificuldades, e a partir daí, buscasse uma solução, pois tudo o que precisava era ser compreendida e incentivada, para superar todos os obstáculos, e isso tive que encontrar sozinha.

Portanto a parceria entre família e escola é fundamental, ambas precisam se acolher, se entender e se ajudar para o bem comum do indivíduo, preparando-o como pessoa para viver em sociedade, dessa maneira, a família e a escola formam uma equipe, e é fundamental que ambas sigam os mesmos princípios e critérios, bem como a mesma direção em relação aos objetivos que desejam atingir, logo pais e educadores

necessitam ser grandes e fiéis companheiros nessa nobre caminhada da formação educacional do ser humano.

Como bem diz Piaget: (2007, p.50).

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades

Sendo assim, essa relação deve ter como ponto de partida a própria escola, como já havia dito anteriormente visto que os pais têm pouco ou nenhum conhecimento sobre características de desenvolvimento cognitivo, psíquico e tão pouco, entende como se dá a aprendizagem, por isso tem dificuldades em participarem da vida dos filhos, o papel que a escola possui na construção dessa parceria é fundamental, devendo considerar a necessidade da família, levando-as a vivenciar situações que lhes possibilitem se sentirem participantes ativos nessa parceria.

Como nos relata Reis, 2007, p. 6)

A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos.

Portanto, a boa relação entre a família e a escola deve estar presente em qualquer trabalho educativo que tenha como principal alvo, o aluno. A escola deve também exercer sua função educativa junto aos pais, discutindo, informando, orientando sobre os mais variados assuntos, para que em reciprocidade, escola e família possam proporcionar um bom desempenho escolar e social às crianças. O papel educador é responsabilidade da família, para que o papel pedagógico possa ser exercido pela escola com boa qualidade, a função de formar o caráter e a personalidade sempre será dos pais.

Para tanto, é necessário acolher o filho/aluno como alguém que precisa do nosso cuidado, de nossa atenção, de nossa responsabilidade, de nosso respeito, de nosso conhecimento, o amor deve ser a base da educação, para que os filhos e os alunos possam se tornar sujeitos mais humanos, responsáveis e desejosos de um mundo cada vez mais justo.

4.AMOROSIDADE NA EDUCAÇÃO

Assim que cheguei no segundo grau, nem pensei que um dia fosse me tornar uma educadora, pois não gostava da falar em público e muito menos sabia lidar com crianças, então quando entrei para fazer o magistério, entrei praticamente obrigada pela minha mãe Logo no início do curso, me deparei com muitas teorias e autores que falavam a respeito de docência, e esses autores eram totalmente materialistas, e eu não concordava com tal teoria, dai comecei a me interessar e questionar alguns pontos de como o aluno poderia chegar ao conhecimento.

Quando chegou na fase dos estágios de observação e participação senti muita dificuldade, me vi em apuros e adiei esse estágio ao máximo, pois não tinha nem noção do que era uma sala de aula, mas meu professor falou que era necessário fazê-lo se não não concluiria o curso, foi então que decidi arriscar e entrei pela primeira vez numa sala de aula, para observar como era a rotina de uma sala de aula, como a professora dava aula para os alunos, como agia e se relacionava com eles, até ai ainda não me imaginava como uma educadora , pois tudo aquilo ainda era muito novo pra mim.

Logo em seguida, veio a fase de participação em sala de aula, onde dava mais passo decisivo, ajudava a professora a conduzir a aula já escrevia na lousa, organizava a fila, conhecia mais de perto a realidade dos alunos da sala e já me sentia mais calma junto aos alunos, foi uma semana de muito aprendizado para mim, sem dúvida.

Terminada essa fase de estágio , fiz um relatório, detalhando tudo o que tinha visto, vivenciado e aprendido, dentro e fora da sala de aula e dependendo do meu desempenho, passaria para a fase seguinte, a tão temida regência, que, só de pronunciar o nome já tremia na base, pois agora eu teria que pedir o conteúdo que o professor iria ensinar e dar aula no lugar dela, e o pior é que ainda seria analisada por ele, através de notas. Era uma situação complicada, tive que enfrentar tudo aquilo, esquecer o medo e a timidez, tirar forças de onde não tinha, lembro que fiquei na turma da professora Luzia, uma pessoa , muito séria e exigente

Quando entrei na sala , estava muito nervosa, pois aquela seria primeira vez em que estaria no comando da sala de aula, tudo seria observado, minha apresentação, meu domínio de conteúdo, a forma como ministraria a aula, a forma de agir com os alunos entre outras coisa, tentei agir como se aqueles alunos fossem meus, passando o melhor de mim para eles, em todos os sentido, no final, a aula tinha sido um sucesso, os alunos entenderam o conteúdo, realizaram as atividades e tudo tinha dado certo. Minha nota

não foi excelente, mas consegui provar para todos e pra mim mesma, que poderia chegar onde quisesse, que aquilo seria apenas o início de uma longa caminhada que teria que atravessar, naquele momento tinha certeza da minha vocação, e que teria muito o que aprender ainda.

Em dezembro de 1995 consegui concluir o curso de magistério, e um ano depois já estava a frente de uma turma de educação infantil com crianças pequenas para serem alfabetizadas,. Não tinha muita experiência , pois nunca tinha me imaginado como professora, então dei tudo de mim e coloquei em prática tudo aquilo que havia aprendido no curso de magistério. Foi um grande desafio na minha vida pessoal e profissional, mas consegui ter um resultado muito bom com minha turma, meu trabalho foi elogiado pelos pais e quase noventa por cento dos alunos foram alfabetizados

Comecei a refletir sobre tudo o que havia acontecido comigo desde o dia em que cheguei na escola. Sem dúvida minha história é de superação. Aquela pessoa fechada, tímida e insegura, cheia de conflitos internos, não existia mais, havia me tornado uma pessoa segura, que acredita em si mesma, capaz então de sentir como uma educadora feliz com o que fazia e com a missão de passar o melhor para seus alunos, me colocando sempre no lugar deles, pois acredito que cada um tem sua história, sua particularidade, sua singularidade e uma boa educação se faz acima de tudo com amor.

O amor é a base da educação de toda criança, não tem como falar em educação, sem pensar em amor, o ato de ensinar já é um ato de amor, ser professor é olhar além do conhecimento e ver a criança como um ser humano necessitado de amor, carinho e compreensão. O que passamos para os nossos alunos hoje, ficarão marcados para sempre em suas vidas, então temos que ver o que existe por trás de um simples olhar , estimular e incentivar nossos alunos, buscando como alternativa várias ações, para que a criança tenha maior possibilidade de assimilar a realidade, seja através dos seus próprios conflitos, e necessidades ou buscando novas alternativas para seus questionamentos.

Segundo a Revista Eletrônica de Educação (2008, p 02)

O amor sincero não de palavras, mas sim de atos, o amor de sacrifícios é o mais persuasivo. Quando os educandos percebem que o educador não tem nenhum outro interesse quando vem falar com eles que não procura nada mais do que lhes fazer o bem, comovem-se se tornando reconhecidos, sentem que são amados então o educador lhes ganha a Confiança. As primeiras impressões que recebem, as mentes puras e delicadas dos meninos e das meninas ficam-lhes gravadas por toda a vida.

A amorosidade na educação, nada mais é, do que mostrar ao educando que alguém está preocupado com ele, com sua forma de agir, de proceder, é saber dialogar com o aluno, se importar com ele de verdade, corrigir na hora certa, sem autoritarismo, e incentivá-lo a pensar por si próprio, buscar os conhecimentos de seus interesses, não somente a vir à escola por vir, mas para se sentir bem, por ser bem tratado, valorizado, e amado.

Mais para que isso aconteça, depende de cada um, fazer a sua parte, educadores precisam repensar sua prática pedagógica e permitir, dentro de si próprio, a mudança, o reconhecimento de que algo está acontecendo e que precisa ser feita alguma coisa imediatamente para reparar o que está errado.

Paulo Freire 1992, p. 43). defende que.

A amorosidade e o diálogo constituem-se como elementos indispensáveis para que ocorra, no processo educativo, “o encontro amoroso entre os homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos.

Na educação, a amorosidade se materializa no estabelecimento de relações de ensino e de aprendizagem dialógicas e respeitadas, onde a construção de conhecimentos e a inserção crítica na cultura se conecta com a vivência de valores e com o acolhimento do outro, aliando os processos de humanização e de desenvolvimento.

Quando olhamos para a educação de uma maneira diferente, podemos perceber que ela vai além de transmitir conhecimentos ou repassar conteúdos, esta vai muito, além disso, precisa ser transformadora e humanizadora, para tanto, há a necessidade de uma educação que requer um novo olhar para o aluno, no sentido da compreensão da pessoa completa, revendo os métodos e os procedimentos pedagógicos que, muitas vezes restringem os conteúdos escolares e o processo pedagógico.

É nesse sentido que vejo a importância de investir numa educação diferenciada, , procurando entender o aluno como pessoa, contribuindo, para a sua emancipação como cidadão, faz então necessário, ter uma nova visão diante da vida, e através do curso de pedagogia, mudei minha forma de pensar, de agir, de falar, de ver a educação, de me relacionar com meu aluno e com o mundo de uma forma geral.

5 UMA NOVA VISÃO DIANTE DA VIDA

Quando entrei para o curso de pedagogia, não imaginei que pudesse aprender mais nada em relação à educação, só sei que precisaria ter uma formação acadêmica, pois com o curso de magistério, não me permitia mais trabalhar em nenhuma escola, então por insistência de uma amiga, fiz a inscrição para o vestibular, para o curso de pedagogia, era minha última tentativa, pois já havia tentado algumas vezes, mas não havia conseguido passar.

Entre para a faculdade no ano de 2011, o curso seria a distância, e até o momento não tinha ideia de como seria isso, quando começaram as aulas, não tinha nenhuma noção de informática, mais um desafio para superar, na época quase desisti do curso, para mim era algo novo, é muito difícil de aprender, mas felizmente eu insisti e continuei a fazer o curso, sem saber entrar nem na plataforma do curso.

Mais uma vez tive que ir além, e aprendi a estudar pelo computador, todos os conteúdos do curso tinham que ser estudados pela plataforma virtual, nossa sala no início do curso, tinha aproximadamente 50 pessoas, havia encontros presenciais, mas eram poucos.

Como falei anteriormente, pensei que já sabia tudo em relação à educação, não tinha ideia do que estava falando, tinha uma visão errada de prática pedagógica, apesar de já amar o que fazia, então quando comecei a estudar as disciplinas, descobri que podia aprender muito mais e que nunca podemos dizer que sabemos tudo, sempre podemos aprender mais e nos aperfeiçoar naquilo que já sabemos.

Descobri que por meio de vários autores estudados, ao do longo do curso minha visão de mundo precisaria mudar, e aquela velha maneira de pensar, necessitava urgente ser repensada, minha prática educativa necessitava ser reflexiva. Minha prática educativa estava totalmente limitada somente ao curso de magistério, era como se tivesse limitada e só conseguisse chegar a certo ponto, e nada mais poderia mudar.

Muitas vezes minha aula era totalmente tradicional e monótona, na minha visão estava tudo bem, e nem me dava conta de que aqueles alunos mereciam algo diferente e inovador, uma aula mais lúdica, dinâmica e interessante,

Aprendi que educar não é uma mera transmissão de conhecimentos, na qual o professor é o detentor de todo saber e o aluno apenas um receptor de informações, e não tem direito de expor seus comentários e opiniões, mas é sim um ato recíproco, enquanto ensino, também aprendo muito com meu aluno, o educador deve ter uma relação de

amor para com o educando, para que o ambiente escolar vise beneficiar a aprendizagem do aluno e torna-lo um cidadão crítico e participativo, ciente dos seus direitos e deveres na sociedade. Como afirma Paulo Freire (2008, p.25):

Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender

Aprendi a ter um olhar diferenciado para o meu aluno, descobri que aprendo muito mais com eles do que posso imaginar, o educador está em constante processo de ensino e de aprendizagem também, e sempre pode aprender com seus alunos, sobre novas descobertas, diferentes técnicas, didáticas, postura profissional, adquirindo assim novo conhecimento e se atualizando também, precisa fazer uma reflexão sobre seu modelo de relação e posicionamento em relação aos alunos.

Durante a realização dos estágios, no curso de Pedagogia percebia que era uma pessoa totalmente diferente de quando estagiei no curso de magistério. Eu, estava muito mais preparada e madura para estar frente a uma sala de aula, tinha estratégias e ideias completamente diferentes das que tinha, quando entrei no curso, minha prática educativa era outra, posso afirmar que quebrei diversos paradigmas, fórmulas prontas e cristalizadas, que acreditava serem as melhores e hoje aprendi a, reaprender, avaliar, refletir, adquirir novos conceitos.

Durante o curso, por exemplo, aprendi a explorar o lúdico na aprendizagem das crianças, uma ferramenta indispensável para desenvolver a percepção, imaginação e fantasia, além de despertar a curiosidade e desenvolver a socialização da criança.

Através das atividades lúdicas, as crianças aprendem de uma maneira divertida e espontânea, e o melhor brinca e aprende ao mesmo tempo, se descobrem e descobrem o mundo que as rodeiam, estabelecem relações sociais uma com as outras, a criança consegue viver e reconhecer a realidade através das diferentes brincadeiras. Existentes, e quanto mais ela brinca, maior será o desenvolvimento sob os diferentes aspectos.

Almeida1995, p.41 sustenta que

A educação lúdica contribui e influencia na formação da criança, possibilitando um crescimento sadio e um enriquecimento permanente, integrando-se ao mais alto espírito democrático, enquanto investe a uma produção séria do conhecimento.

Ou seja, brincar é sinônimo de aprender, pois o brincar garante um espaço para pensar, sendo assim, o raciocínio da criança é estimulado, e desenvolvido, o pensamento, estabelece contatos sociais, compreende o meio, satisfaz desejos, desenvolve habilidades, a criatividade, e o conhecimento.

A brincadeira, proporciona, um desenvolvimento sadio e harmonioso, ao brincar, a criança torna-se independente, estimula sua sensibilidade visual e auditiva, e desenvolve habilidades motoras, exercita a imaginação e a criatividade, trabalha suas emoções, aumenta sua integração, promovendo assim seu desenvolvimento

Sabendo dos benefícios do brincar para a aprendizagem, aprendi a valorizar a brincadeira, em minhas aulas, entendi que por intermédio desta ferramenta, a criança, além de aprender muito, ainda se prepara para a vida, e se adapta as condições que o mundo lhe oferece, aprende a se conhecer, compreende e constrói seus conhecimentos, torna-se um cidadão consciente, apto para resolver problemas, e capaz de pensar por conta própria, esta ferramenta contribuiu muito para que minhas aulas ficassem mais dinâmicas e criativas.

Entre outras disciplinas que contribuíram para aperfeiçoar minha prática pedagógica, posso citar a de História da Cultura Afro-brasileira e dos Povos Indígenas que falam sobre Identidade cultural e educação, compreendem os principais conceitos estudados pela antropologia, os quais são fundamentais para a compreensão da educação para a diversidade étnica no Brasil.

É importante passarmos para nossos alunos, uma educação voltada para a diversidade étnica, pautada na diferença e principalmente no respeito às Histórias e Culturas Afro-brasileiras e Indígenas, mas percebemos que muitos silenciamentos foram produzidos ao longo de nossa História. O que desconsidera aos povos indígenas e afro-brasileiros um lugar na história escrita, embora saibamos que esses sujeitos sempre estiveram escrevendo suas histórias no cotidiano de nosso país, surgiu a necessidade de reparar um conjunto de negações.

Assim, foi instituída a Lei 11.645, que torna obrigatório, o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas assim compreendemos a razão pela qual cada povo possui uma cultura diferente da outra.

Precisamos entender e passar para nossos alunos que é através da cultura, que vemos e significamos o mundo a nossa volta. Cada um de nós, guarda consigo um conjunto de elementos culturais, modos de fazer, modos de ver o mundo, que estão intrínsecos aos locais que frequentamos e convivemos.

Diante disso, vamos nos deparar com crianças com inúmeras dificuldades em conviver com a diversidade étnica, pois, em muito, elas são ensinadas nos seus espaços de convivência para uma negação do outro, e cabe a nós educadores, despertar as

crianças para a beleza, a significância e a rica diversidade étnica que foi possível ser construída pelos diferentes povos, em diferentes locais!

Os objetivos que o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígenas procuram apresentar nas escolas do Brasil são: conhecer, respeitar, reconhecer, e para que a lei saia do papel e ocupe espaços dentro de nossas escolas, é imprescindível que educadores coloquem essas demandas em prática, na sala de aula, por meio de debates e reflexões junto à comunidade escolar.

O silenciamento de riquezas culturais, sociais, políticas, enfim, de modos riquíssimos de viver, de conviver em meio ao ambiente, de uso das tecnologias desenvolvidas para a existência dessas culturas se deu em função do longo contato entre povos africanos e povos europeus.

O Ensino de História e Cultura Indígena em sala de aula é uma ótima oportunidade para desconstruirmos um conjunto de mentiras e estereótipos contadas sobre os povos indígenas, e pior ainda, perpassados de geração em geração até os dias atuais, diminuindo assim o valor de culturas tão importantes para todos nós.

Certamente trabalhar as diferenças, e a aceitação do outro, principalmente em sala de aula, não é uma tarefa fácil pra nós educadores, já que fazemos parte de um cultura egocêntrica, e fomos ensinados a não respeitar, nem valorizar a cultura de nosso próximo, quanto mais a cultura dos povos africanos e indígenas, que fazem parte da cultura brasileira e da formação da nossa nação.

Dessa forma, devemos construir em sala de aula novas práticas, que saibam abordar temáticas novas da melhor forma possível. não podemos privar nossos estudantes de aprender temáticas tão importantes para a compreensão do povo brasileiro, pois são temáticas que explicam melhor quem somos!

Para ensinar em sala de aula, História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, precisa-se, antes de tudo, parar para refletir sobre os preconceitos e conceitos que nós mesmos possuímos e aprendemos ao longo desses anos na escola, afinal fomos ensinados de maneira equivocada e somos fruto desse conjunto cultural que não procura reconhecer outro, nem, valoriza e principalmente respeitar as diferenças culturais, étnicas dos seus semelhantes.

Por fim, necessitamos urgente, reaprender e refletir a respeito das diversidades do mundo; sobre a valorização das diversidades e das formas de significar e simbolizar o mundo e principalmente, aceitar e reconhecer o outro.

CONCLUSÃO

Quero dizer que me sinto realizada em poder contar a minha história, em olhar para traz, e saber que venci todos os obstáculos, sei que tenho muito que aprender ainda, chegar ate aqui não foi nada fácil, mas acredito que valeu para o meu crescimento, tanto pessoal como profissional .

Passei por muitos momentos delicados, confesso que pensei muitas vezes que não conseguiria, afinal nunca imaginei em ser uma educadora, minha história no início é bem clara, a respeito disso, mas Deus me proporcionou um caminho diferente, cheio possibilidades.

No curso de magistério, não tinha bem certeza se queria de fato essa profissão, mas logo mudei ideia e me identifiquei com a sala de aula apesar da mídia mostrar todos os dias que essa profissão, infelizmente não é valorizada, apesar de ser a mais importante, na minha opinião, pois é formadora de todas as demais e sem ela não há como o indivíduo se inserir na sociedade.

Adquirimos experiência quando, aprendemos realmente na prática, no dia, dia de sala de aula, com seus desafios, portanto no estágio se percebe que a realidade é outra, o futuro educador se depara com as responsabilidades que terá que enfrentar, é necessário que passe por experiências para que consiga resolver problemas que sem dúvida irão surgir ao longo da profissão.

E se amamos a profissão, precisamos dar o nosso melhor, não importam as adversidades, precisamos nos qualificar e quebrar paradigmas, conceitos tradicionais e práticas que não nos favorecem como educadoras.

Educar para mim é antes de tudo um ato de amor, de doação, é necessário acolher o aluno como alguém que precisa do nosso cuidado, de nossa atenção, de nossa responsabilidade, de nosso respeito, de nosso conhecimento, é uma perspectiva que visa à formação autônoma e crítica da criança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. Educação Lúdica. São Paulo: Loyola, 1995

CHALITA, Gabriel. Pedagogia da amizade – Bullying: O sofrimento das vítimas e dos agressores, Ed. Gente, 2008

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. Psicologia do desenvolvimento. São Paulo: Ática 1998.

FANTE, Cleo. Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz; Ed. Verus, 2005

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996

PIAGET, Jean. Para onde vai a educação? Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007

REIS, Risolene Pereira. In. Mundo Jovem, nº. 373. fev. 2007, p.6

REVISTA ELETRÔNICA DA EDUCAÇÃO (2008, p 02):

ROCHA, S.C & MACHADO R.C. Artigo relação família escola. Disponível em HTTP:

\\ www.unimeo.com.br. Belém –Pará, p.18, 2002